



# ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses  
Volume 73

---

A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE,  
TRANSIÇÃO E MUDANÇA

---

Título

**Arqueologia & História**

**13ª Série**

Volume

**73**

Ano de Edição

**2022**

Ano Associativo AAP

**2021**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Morais Arnaud e Andrea Martins**

Design gráfico

**Flatland Design**

Fotografia da capa

**Inscrição paleocristã, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (fotografia de José Paulo Ruas)**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**300 exemplares**

Depósito legal

**73 446/93**

ISSN

**0871-2735**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

- 5 Editorial  
José Morais Arnaud
- A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE, TRANSIÇÃO E MUDANÇA**
- 9 Encontro Internacional: *A Península Ibérica entre os Séculos V e X – Continuidade, Transição e Mudança*.  
Apresentação  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Arqueologia e história da cidade do Porto no período tardo-antigo e alti-medieval  
António Manuel S. P. Silva, Manuel Luís Real
- 37 Contextos Tardios no teatro romano de Lisboa: reconversão de espaços monumentais  
Lídia Fernandes, Marco Calado, Carolina Grilo
- 47 Defensa de la muralla augustea de Emerita  
Miguel Alba
- 67 Troia e a ocupação tardo-antiga no baixo vale do Sado  
Ana Patrícia Magalhães
- 83 Da luz e das sombras. O caso da *villa* da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira) e a desestruturação da paisagem rural antiga  
André Carneiro
- 97 A cidade romana de Balsa – novas e velhas evidências do período final da cidade  
João Pedro Bernardes, Vítor Silva Dias
- 107 Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia  
Virgílio Lopes
- 121 O Castro S. João das Arribas. Novos dados para a longa história nas Arribas  
Mónica Salgado, Pedro Pereira, Susana Cosme
- 131 A ocupação tardo-antiga e alto-medieval no concelho de Santa Comba Dão (Viseu)  
Pedro Matos, Helena Catarino
- 143 *Olysipona*, entre o Império e o Islão  
Jacinta Bugalhão
- 157 El paisaje humano del territorio emeritense entre los siglos V al X  
Bruno Franco Moreno
- 169 O que nos dizem do século VIII (algumas fontes coevas)  
João António Ferreira Marques
- 177 Campesinos del entorno de Toledo en época emiral temprana (inicios s. VIII a mediados s. IX d.C.)  
Alfonso Vigil-Escalera Guirado
- 187 Poblamiento emiral en el Garb al-Andalus  
Susana Gómez Martínez
- 207 A presença cristã antiga e os primeiros tempos islâmicos no Castelo de Silves  
Rosa Varela Gomes
- 221 Continuidad y cambio en la producción y consumo de la cultura material en Córdoba: siglos VII-X  
Elena Salinas

- 235 Reflexiones sobre el mundo rural mozárabe. Materialidad, rituales y hábitos del poblado y cementerio de Tózar, Granada  
Luca Mattei, Cristina Martínez Álvarez
- 245 Casa Branca, uma aldeia alto-medieval dos arredores de Évora  
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Telmo Pinheiro Silva
- 265 Os primeiros vidrados no Gharb al-Andalus no século IX-X: análises arqueométricas e interpretação histórica  
Elena Salinas, Carmen Iñiguez, M<sup>a</sup>. José Gonçalves, Susana Gómez

## **ARTIGOS**

- 275 Lisboa pelos olhos de Endovélico: o potencial de uma base de dados para o conhecimento das populações passadas  
Filipa Neto, Cristina Barroso Cruz
- 285 Instrumentos Cirúrgicos Romanos na Quinta de Crestelos (Meirinhos-Mogadouro)  
Luísa Batalha, Aaron Lackinger, Enrique Paniagua Vara, Sérgio Simões Pereira

## **COLÓQUIO DE HOMENAGEM A FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR**

- 299 Apresentação – Colóquio de homenagem ao arqueólogo Francisco Tavares Proença Júnior  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 303 Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior  
Ana Margarida Ferreira
- 307 Tavares Proença Júnior e a Covilhã – um trabalho por acabar...  
Carlos Manuel Dias Madaleno
- 315 Contributos para a Carta Arqueológica do Concelho do Fundão. Inventários arqueológicos do Concelho do Fundão: de Francisco Tavares de Proença Júnior a 2016  
Joana Bizarro
- 323 Arqueologia do concelho de Penamacor. Do inventário de 1910 ao inventário de 2016  
Sara Ferro
- 331 Carta Arqueológica do Concelho de Belmonte após Francisco Tavares Proença Júnior  
Elisabete Martins Robalo

## **RELATÓRIOS**

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2021  
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021. Plano de Actividades para o Ano 2022  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 355 Comissão de Estudos Odisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2021  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 359 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2021  
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 361 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3<sup>o</sup> milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2021  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

# ARQUEOLOGIA: COLEÇÕES DE FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR

---

Ana Margarida Ferreira

Conservadora de museus / Museu Municipal Santos Rocha, Figueira da Foz / ana.ferreira@cm-figfoz.pt

## MEMÓRIA DE UMA EXPOSIÇÃO

---

Coordenação e programa museológico de **Ana Margarida Ferreira**, projeto de arquitetura e equipamento de **Back Gordon Arquitetos**, iluminação de **Astratec-eletricidade e Iluminação técnica** e design gráfico de **Vera Velez**. Filme documentário de **Olga Ramos** intitulado, *Francisco Tavares Proença Júnior*, arqueólogo, *archeologue*. Livro-catálogo com introdução explicativa de conceitos e opções expositivas, 14 estudos, 320 tabelas, fotobiografia e catálogo dos documentos manuscritos de Francisco Tavares Proença Júnior (FTPJ). Última fase do programa de requalificação do Museu de FTPJ, promovido pelo Instituto Português de Museus, com financiamento do III Quadro Comunitário de Apoio, através do Programa Operacional da Cultura.

---

Quando, em 1999, assumi o cargo de diretora do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior (MFTPJ), havia uma grande expectativa de que se voltasse a expor a coleção de arqueologia que tantas memórias deixara na comunidade albicastrense e se encontrava guardada em reserva desde 1993. De facto, o Museu tinha reaberto no ano anterior (1998), com um programa dedicado aos tecidos bordados e focado nas colchas de Castelo Branco. Ora, a arqueologia, para além de ser a disciplina fundadora do Museu (1910), tinha também conhecido um período áureo entre 1980 e 1993, sob consulado do muito carismático diretor

Dr. António Salvado. Assim, o contexto era de grande pressão para se mostrar de novo a coleção. Porém, ao analisar o acervo e a história do Museu formei a convicção de que seria conveniente continuar a trabalhar nas três áreas disciplinares que se evidenciavam como linhas vocacionais da instituição: os têxteis, a arqueologia e a arte contemporânea. Enquanto se procedia à rotação dos têxteis (fevereiro de 2001) e se desenrolava o ciclo de exposições da arte portuguesa do século XX a partir das coleções do Museu do Chiado – Museu Nacional de Arte Contemporânea (2002-2004), ganhava-se tempo para estudar os principais núcleos da coleção arqueológica, envolvendo a equipa residente e mais de uma dezena de investigadores externos. A presença dos têxteis no piso superior do edifício e da arte contemporânea no piso térreo limitavam o espaço disponível. Para obviar esta dificuldade, decidiu-se intervir na área remanescente do piso térreo, no lado nascente do edifício, preparando o espaço para receber exposições temporárias de longa duração, mudando as coleções e o discurso, de acordo com períodos cronológicos, problemáticas científicas ou núcleos de incorporação. Dentro desta lógica, a primeira exposição, intitulada “Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior” foi, naturalmente, dedicada às coleções iniciais e à figura do fundador (Figura 1). Tomando as três salas disponíveis, iniciou-se o discurso expositivo com a apresentação da arqueologia do distrito de Castelo Branco desde o Período

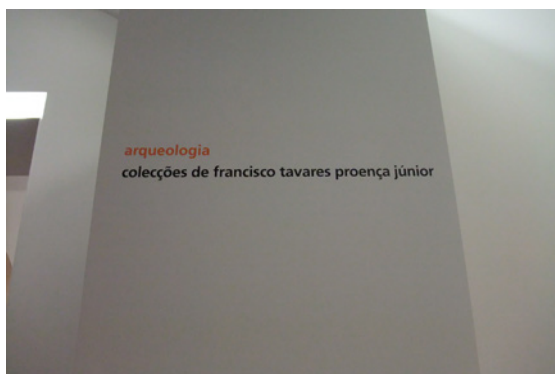


Figura 1 – Nome da exposição à entrada da sala.



Figura 2 – Primeira sala, dedicada à arqueologia do distrito de Castelo Branco.



Figura 3 – Segunda sala, dedicada à projeção do documentário *Francisco Tavares Proença Júnior, arqueólogo, archeologue*.



Figura 4 – Terceira sala, dedicada à arqueologia de outras localidades de Portugal e de França.



Figura 5 – Aspeto da museografia da primeira sala, evidenciando as pré-existências arquitetónicas.

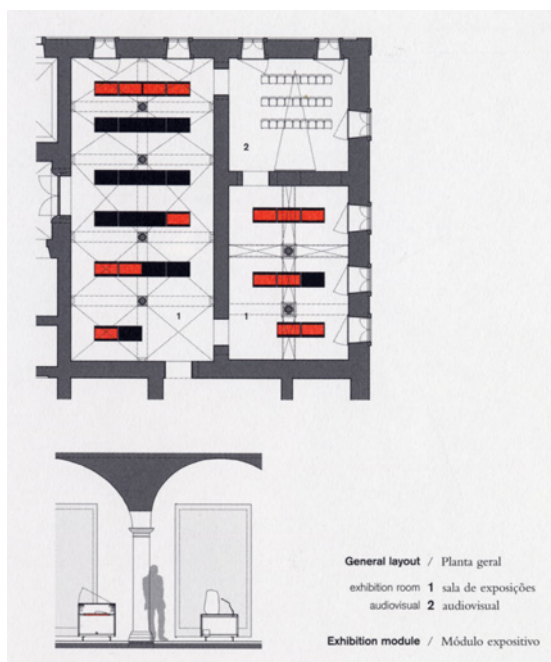


Figura 6 – Desenhos do projeto de arquitetura e museografia (SEABRA, 2005: 171).



Figura 7 – Terceira sala, pormenores da iluminação.



Figura 8 – Aspeto da museografia da primeira sala, evidenciando a iluminação do pavimento.

Neolítico até à Época Romana (Figura 2); na segunda sala instalou-se um pequeno auditório para projeção de um documentário sobre a vida e obra do arqueólogo, cujo propósito era de fornecer informação ao visitante (Figura 3); a terceira, e última sala, apresentava as coleções reunidas fora do distrito, em Portugal e no estrangeiro (Figura 4).

A parte do edifício escolhida mantinha elementos arquitetónicos de grande qualidade construtiva e estética, especialmente as abóbadas e respetivas colunas (Figura 5). Contudo, apresentava também intervenções menos felizes, como, por exemplo, os vãos de comunicação entre as três salas muito largos e baixos, discordando da escala geral do espaço. O projeto de arquitetura deu resposta ao programa e minimizou desconformidades: os vãos foram redimensionados, as paredes finamente revestidas de um reboco acetinado, os pavimentos trabalhados de forma a valorizar a estereotomia original em granito (substituindo uma tijoleira recente e pouco interessante por um pavimento de betonilha afagada) e a luz foi moldada com particular cuidado (Figura 6). Neste capítulo, o desafio era muito grande, porquanto qualquer iluminação aérea iria perturbar a leitura das abóbadas. Em suma, não era admissível, dentro da nossa lógica de valorização do espaço, haver luminárias penduradas e, assumido este pressuposto, o problema da iluminação resolveu-se combinando um conjunto de estratégias de luz geral e pontual. A iluminação geral foi obtida a partir de “caixas de luz” formadas nos vãos das janelas, tirando partido da luz do dia ou de projetores escondidos atrás de telas que funcionavam como ecrãs translúcidos (Figura 7). Para iluminar, pontualmente, as epígrafes, usaram-se mangas articuláveis com terminais de fibra ótica, que permitiam direcionar o foco obtendo uma luz rasante facilitadora da leitura das inscrições.

Preparado o espaço como se de um contentor neutro se tratasse, impunha-se conceber equipamentos expositivos versáteis e polivalentes. O resultado, com assinatura do mesmo gabinete de projetistas, foi um conjunto de módulos paralelepípedicos (plintos e vitrinas) facilmente reorganizáveis e manuseáveis por um único operador munido de um porta-paletes manual. Estes módulos expositivos desempenhavam também um papel importante como fonte de luz, pois no seu interior colocaram-se lâmpadas tubulares que emitiam luz rasante ao pavimento (Figura 8). Esta solução permitiu ainda criar destaques nas peças especiais, ao iluminá-las de forma mais intensa, artifício conseguido através de uma solução inventada no momento: o fundo da vitrina formou-se como uma “sandwich”, montada em três camadas: uma chapa de vidro, uma folha de cartolina preta e uma placa de acrílico translúcido cor de laranja. Na cartolina, abriram-se janelas por onde passava a luz que destacava o objeto pousado sobre o acrílico (Figura 9).



Figura 9 – Fundo de uma vitrina mostrando uma peça em destaque por via da iluminação.



Figura 10 – Um exemplo dos elementos gráficos apostos nas faces das vitrinas.

No que respeita à opção cromática, assumiu-se o preto e o laranja, como cores predominantes, a primeira aplicada na pintura das estruturas metálicas: vitrinas, plintos e suportes e a segunda no fundo das vitrinas. Nas faces destas colaram-se apontamentos gráficos (fragmentos de texto manuscrito ou desenhos arqueológicos) impressos a cinza sobre vinil de recorte (Figura 10). A mesma paleta cromática e os mesmos apontamentos gráficos foram utilizados no catálogo, convite e materiais publicitários, conferindo unidade ao conjunto.

Quase vinte anos volvidos sobre a sua inauguração, a 11 de dezembro de 2004, esta exposição cumpriu-se ao proporcionar o estudo do acervo, a publicação do catálogo e a fruição dos objetos através da visita. Como intervenção integrada de arquitetura e museografia intentámos proporcionar ao visitante uma experiência de verdade, simplicidade e beleza, com a marca do nosso tempo.


A intervenção arquitetónica e o equipamento museográfico parecem-nos perfeitamente atuais mas, infelizmente, a sucessão de exposições a que estas “infraestruturas” deviam ter servido não aconteceu. De acordo com o programa inicial, devíamos ter feito meia dúzia de exposições com a correspondente investigação e publicação do catálogo. Estaríamos agora bem sustentados para fazer uma exposição de síntese da arqueologia albicastrense. Não foi o que aconteceu, nem faz sentido advogar a recuperação da ideia. De qualquer forma, chegaríamos ao mesmo ponto: o Museu de Francisco Tavares Proença Júnior é mais do que a coleção de arqueologia e o edifício do Paço Episcopal é pequeno para conter a arqueologia albicastrense. Um Museu de Arqueologia, que seja um

verdadeiro centro de investigação, exige espaços expositivos, reservas amplas e zonas laboratoriais, equipamentos e equipas residentes. O MFTPJ, que já passou por outros edifícios, beneficiaria em cumprir a sua vocação arqueológica num edifício construído de raiz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DGEMN (1966) – Paço episcopal de Castelo Branco: adaptação a Museu. *Boletim da Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais*, n.º 124.
- FERREIRA, A. M. Coord. (2004) – Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior. Instituto Português de Museus.
- SEABRA, N. M. Coord. Edit. (2005) – Bak Gordon. *LIBRUS*, publicações técnicas.





ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2022

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)